



Solidão de Caronte

Homero Gomes

SUMÁRIO

Sísifo

Canção do anjo exilado

A vereda se encheu de pedras

Vento repentino no deserto

O silêncio dos tambores

Pó nas pálpebras

O retorno do abismo

Afecções do ausente

Prometeu

Sísifo

I – Sobe o monte

A lama amarrada nos dedos impede os caminhos.
A densidade da dor é desenhada por calcanhares.
Ao redor, apenas o vento e o borbulhar do chão.

Arrasta os pés na lama
A alma pegajosa de barro e suor.

Nada pretende a pedra que empurra o corpo.
É apenas força e peso
De história e retardamentos:
Erros compactados nessa íris de mundos.
Quanto mais o espaço busca,
Mais a morte, o corpo, ao chão aprisiona.

II – Passo em falso

O rosto esfolado no chão
E as narinas entupidas de lama.

Sem sustentação a rocha cai sem peso sobre a nuca,

Que permanece arrombada por palavras.

III – Corpo apodrecido

Da rigidez ao inchaço,
Do inchaço ao despedaçar
Dos tecidos entre trapos e vermes.
A carne de Sísifo se espalha pela lama,
Sendo incorporada à massa orgânica de seres imperceptíveis.

Apenas esse fim esperou Sísifo
Para sua carne rejeitada pelos abutres.

Canção do Anjo Exilado

O vinho esquenta na taça abandonada
e os olhos acinzentam a tarde.
O namoro entre o céu
e as ruas,
mas isso foi há muito tempo;
quando ainda cantava,
a voz rouca entre nuvens.

Pedi que fosse embora
mas você singrou meu ventre
com o amor dos homens.
Então plantei violetas em tua cama.

Mas eu ainda quero cantar.

Os sinos chamam meus dedos,
o suspiro sonolento dos mortos
evoca a noite emaranhada nos meus sonhos.

A calma de se abandonar entre o pó
e o cansaço do caminhar.
O vinho vai desaparecer
e

talvez

eu com ele.

Mas antes que a loucura acometa os olhos,
seguro seus dedos.

Abandono a força das fibras.

As asas cansadas de impedir a tempestade —
o enfraquecer da tinta nos sonhos.

O passado se avoluma
e não se detém no tempo;
quer o espaço das ilusões e dos sentidos.

Emudeço de ver,
alguém me chama;
esqueço que sou,
permaneço ninguém.

Mas todos me pertencem.

O anjo que fui se dilata na pele
que escorre sobre a carne.
Vou moldando o grito dos séculos,
mas eles se afogam na minha boca
que se amarga

nesse incenso de fel.

Os pássaros se escondem no negrume dos ares:
você é um de nós e está livre.

O deus ainda dorme sobre a relva
que plantei para os amantes —
a dor do inevitável me consome
reanima o fogo
que transformará o tempo em cinzas.

Abandono os pés sobre o mar das almas.

Nada mais é desejado;
o templo se encontra em ruínas.
O jogo de máscaras
afundou no esquecimento dos rostos.
O lodo das essências foi drenado por raízes profundas,
que
 falos ágeis como dedos
a lótus do meu ser
 pelo infinito
teceu
como uma rede de ilusões
num labirinto de tempos e pesares.

Fiz o que do meu ser esperavam.
Anoiteci as esperanças,
plantei discórdias,
iluminei os olhos da mentira,
desamarrei os laços
e corroí
 das esferas
os fundamentos.

A tempestade arrasta as asas para além,
mas meus olhos querem o mundo
e o seu desapego,
a sua catástrofe.

Você é um de nós e está livre.

Dormem abraçados os meninos
nus e frios
sobre a pedra que os pais abandonaram
 cinzas
se encolhem sobre o ventre um do outro
a lua dança sobre as nádegas arrepiadas
a pedra cai
não sabem que sustentam o mundo com seus sonhos

com suas cólicas
e com o óleo santo de seus lábios

Definham no éter

O rio secou
e a nascente se perdeu entre as presas de um dragão.

Mas eu só lamento
aquilo que não posso conhecer

Você é um de nós e está livre.

Nas minhas mãos pousou um pássaro que morria.
Esqueci o choro e o venerei
comendo sua carne,
queimando suas penas.
Hoje, a cada estação,
ele se alimenta com minhas vísceras,
brinca com meus órgãos,
paralisa meu ânimo.
Meus movimentos retidos na flacidez dos nervos;
permaneço estático, olhando a tempestade mais perto das asas e
das almas

[frágeis do

mundo.

Inflo com os ventos,
sinto os destroços da civilização
— numa gigantesca onda —
avancar para o fim;
antes que o futuro seja,
serei arrastado até ele.

Mas não tive a escolha tolhida.

Exilado entre os gritos e o asco,
deitei minha divindade abandonada.
Transformei minhas asas em armas e a essência em ferida
gangrenada.

Estou e os olhos antes
Os gritos giram espectrais pelos tempos
e fora destes existo
— todos comigo —
Mas sozinho serei despedaçado
como seta vergada
no arco rijo
— e todos comigo —
do vazio

E, nele, semente do refeito.

Vontade de semente,
ser o que fonte

— sem luz —

só energia:
potência.

Abandonar as ondulações de súplicas

o mar

e levar comigo

o que couber no peito e sob a pele que desmancha ao forte vento
e gira por

[todas as esferas deste mundo em camadas

Abandonar o que foi exilado

do exílio da carne

Ser além da visão o que se quer visto

Incensar os sonhos do chão

com sonhos de abismo

Você é um de nós e está livre.

Visito as sombras depuradas no ventre em chamas.

Sou vapor e o olhar não é importante;

continuo visando o lixo que acumula abaixo dos pés desse Sísifo
desatento

[enquanto sou sugado entre saliva e poeira pela
boca do nunca.

Mas não sou mais e estou sem permanecer —

vinco das brincadeiras dos homens na rocha que perde espaço no
tempo que

[criou.

Livre, determino pelos tempos minha extinção.

No exílio de mim mesmo não há lugar que me detenha.

Você é um de nós e está livre.

A Vereda se Encheu de Pedras

A vereda se encheu de pedras que brotavam no borbulhar dos pés.

As pedras cuspiam espinhos
— nuvem de dor ao redor da visão —,
a pele rasgou no caminho:
pedaços da história deixando marcas.

A vereda no meio das pedras.

Os olhos fecharam para supor destinos,
os dentes cravados nos lábios:
a voz e o grito presos dentro das pedras.

Os nervos endureceram espinhos.
A vereda borbulhou de pés.

Pegadas de dor sobre a vereda marcada de história.
Pois a vereda se encheu de espinhos.

Nos olhos cansados, a vereda de restos num campo de pedras.

A vereda se fez com pegadas que deixaram de borbulhar nos pés.

Vento Repentino no Deserto

Encontrar abraços nas dunas.

Areia nos olhos — o vento repentino:
tudo se perde.

Caminhamos a esmo e nos encontramos.
Os morros caminham querendo enganar;
nos perdemos dos olhos conhecidos.

Visões embaçadas na tensão das pernas.
Areia nos olhos — o vento repentino.
Os morros caminham.

Ficamos sozinhos;
os braços abandonados, balançando ao lado do corpo.
Nos perdemos tentando encontrar abraços nas dunas.

A boca seca com o vento repentino.
O beijo dos morros que caminham se perde.
Tudo se perde.

Areia nos olhos,
mas caminhamos a esmo sobre o deserto.

No corpo, o calor da ausência.

Um abraço no vazio:
engano dos olhos.

O vento forte arranha a face
com a areia que entra nos olhos secos.

Lágrimas viram cristais de sal no deserto de areia branca.

O Silêncio dos Tambores

Isso não foi há muito tempo.

Dizem que as estrelas não piscam — estrelam as nuvens —,
mas a chuva cai no concreto,

lembrando
a cidade do que fora a terra sob o asfalto.

Cantam os pássaros a mesma melodia.

O canto ainda permanece sem tradução,
mas na terra roxa sabiam os calos da mão o que sentir.

Rumor de tempestade sobre as antenas,
sobre os varais nos terraços dos prédios.
Árvores desabam assustadas — mas as crianças não gritam mais,
não se assustam.

Cantam os pássaros a mesma melodia
e
isso não foi há muito tempo.

Lutou o homem contra si mesmo.

Contra seus nervos partidos,
contra a palma dos pés e o
firmamento.

Lutou o homem contra seus medos.
Contra seus sonhos de menino,
contra os cílios e as lágrimas na face.

A terra
— grávida de esperanças —
partiu-se em duas, feito mãe dando à luz.
Recebeu a semente:

o corpo do homem.

Silêncio no crepúsculo.

O horizonte se divide — duas
cores.

O vermelho que reflete a cor da terra:
sangrada e suada pelos que ali passaram.

O violeta da divindade que protegia os guerreiros:
a realidade da fé na dor do inalcançável.

Isso não foi há muito tempo:
os pés pisando a terra fria,

a manhã acordada por ferramentas nos ombros,
o mugir dos passos na plantação.

Mas foi-se o tempo da mão colhendo o futuro.

O metal e o asfalto esquecem,
mas
cantam os pássaros a mesma melodia

enquanto

silenciam os tambores.

Pó nas Pálpebras

Luz na janela pingando pontos de pó nas pálpebras,
pingando pontos de luz,
enquanto sentado espera o peso do corpo sumir.

O vaso de papoulas ao lado,
o cheiro de mofo que sobe dos pés
e a alegria de ainda possuir cigarros.

Se distrai olhando as voltas da fumaça,
olha o ar com olhos embaçados de tempo.

Não procura resolver enigmas.
Dos seus problemas não espera iluminação.

Fuma o último fumo
e espera o ar transparecer.

Da janela, brotam pingos de pó,
Mas as pálpebras se fecham.

Enrolado, o pescoço enrugua com a pressão.
A corda estica e o peso consoma o fim e some.

O tempo cessa. O pó descansa.

A roda gira e mói a estaca
— a carne rasga,
escorre a fibra.

O que era
brinca nos dentes
do tempo.

Entre restos
e sais de dores
esquece.

Esse demônio claro, que emana luzes
e ácidos e sombras,
semeia o broto
de iras e ascos e sangues e vergonhas e verdades e secas e
tremores.

Um rio potente
— de podridões —
corre entre pedras cobertas de limo e musgos e passados e
fantasmas.

No éter, murmúrios de asas e risos:

O Retorno do Abismo

ele voltou e estará a seu lado.

O corpo enrugado no chão
permanece

estático,

com dores no ventre,

mas com medo de gritar

e gemer e suar e tremer e clamar e sentir e impor vontades
esquecidas na

[luz da

grande esfera ácida.

Um soco.

E em tosses e engasgos,

o vômito incessante de poeira.

O ventre contrai e esvazia;

expele o nojo de ser

— acalenta cobras nas vísceras macias.

A falta de ar enfraquece o pulso.

Quer grito,

mas o grito sufocado na traqueia.

Quer gemido,

mas o gemido paralisado nos olhos.

Quer suor,

mas o suor comprimido nos ossos.

Quer tremor,

mas o tremor anulado nos membros.

Quer sentido,

mas o sentido embriagado no crânio.

Quer o impor vontades,

mas esse impor simbolizado em ser

— o nulo rés ao chão.

Abandono no asco de si;

no pó da essência.

Afogamento no leitoso ácido.

Ele voltou e estará a seu lado.

Não quer a fé do visto.

Enquanto o corpo finda no lodo,
a carne infante é rasgada por garras negras de orgulho.

Nada é feito
membros retesados de vazio
pupilas queimadas de sono
— vence a escuridão sem asas.

Pois ele voltou e estará a seu lado.

Afecções do Ausente

Poeira negra e veneno no ar.
O mundo continua após tudo,
mesmo que nada.

Pilhas de corpos,
seres sem metafísica,
para o passeio, entre sangue e vísceras,
do oculto na neblina da história.

O ausente ainda olha um mundo infectado.

E dele não ri.
É o sorriso apagado no muro das cidades;
o que foi
e que se perde a cada feto que brota.

Retirado à força,
embalou o espírito na necrose do outro.

Mas o outro não importa;
somente o que se foi.

Chega de vermes e de vísceras.
O sangue que escorre da gengiva
chora o que foi arrancado da inércia.

O ausente apenas sabe,
não chora o sangue ingerido,
que rega de espinhos o ventre do outro.
Apenas sabe.

Sangrado feito lixo,
ainda olha a sua ausência.

Ele sabe.
Em um mundo infectado, resta apenas sua marca.

Prometeu

ele falava do que conhecia
sentia nos pelos de seu corpo o torpor das almas desorientadas
sua voz ecoava pelo vale

amordaçado
pretendem matar a voz

inoculou no sangue humano
o desejo

amordaçado
pretendem deter o vírus

a importância da voz
e de sua reverberação pelos espaços
amarram pés e mãos
prendem seu corpo a uma montanha úmida e nua
tapam-lhe a boca
corda e violência
o vírus
que se espalha
enquanto escorre o tempo

amordaçado

pretendem anular os atos inoculados nos homens

Homero Gomes (Curitiba/PR, 1978). Escritor. Autor do livro **Jamé Vu**, no prelo e, também, dos trabalhos, ainda inéditos, **Sísifo desatento** (contos) — com o qual foi finalista do Prêmio Sesc de Literatura, edição de 2007 —, **Três** (teatro) e **A jornada de A Bao A Qu** (infantojuvenil). Possui publicações nos periódicos Rascunho, Cult e Ficções. Edita o portal **Jamé Vu** [<http://jamevu.tumblr.com>].

Mais **Homero Gomes** em **Germina**
> **Contos e Poema**

Copyright© 2011 por **Homero Gomes**

Título Original: **Solidão de Caronte**

Editoras: **Mariza Lourenço** e **Silvana Guimarães**

Books On Line

Germina - Revista de Literatura e Arte